

SALVANDO A PAMPULHA

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

A Pampulha é o símbolo máximo da incúria dos sucessivos governos de nossa cidade. Os problemas se acumularam ano a ano sem tratamento adequado, até que a poluição interna das águas e externa do ambiente tomasse conta definitiva do ícone mais amado de BH.

Não se sabe se a despoluição das águas tem remédio. De vez em quando, caminhões retiram toneladas de lixo, trabalhando por um semestre. Depois, o serviço para e o assoreamento volta todo em poucos dias. Dinheiro público jogado fora sem que apareça alguém para defender o patrimônio do povo.

Remodelaram-se as margens. Sem dúvida, uma obra útil e de grande significado. Mas não trouxeram solução para o trânsito que, hoje, nas horas de pico, é tão intenso como nas grandes vias - Av. Antônio Carlos ou Amazonas. Quem pode praticar esporte num ambiente como este, respirando dióxido de carbono? O exercício passa a ser um mal e a recuperação da orla perdeu sentido.

E o pior de tudo isto é que há solução parcial para o problema do trânsito. Há certos trechos da Av. Otacílio N. de Lima que podem ser interditados, pois existem vias alternativas de fácil acesso. Em uma delas o desvio é até menor e muitos motoristas o procuram voluntariamente para encurtar caminho. Por que não isolar estas áreas permanentemente, cujo espaço equivaleria a um novo parque? A Secretaria de Esportes já fez a experiência em alguns fins de semana. Depois, desistiu sem qualquer justificativa. O que é de se estranhar, pois o programa "A Rua é Nossa" foi feito pela própria Prefeitura e o objetivo do Prefeito é chegar a 100 km de ruas destinadas a lazer até o fim de sua gestão. Na Pampulha um grande público seria beneficiado e a cidade aumentaria a qualidade de vida. Se estas medidas tão simples com resultados tão positivos não são tomadas, que se há de esperar das grandes?

Agora, o Prefeito acaba de anunciar uma comissão para tratar dos eventos na Pampulha. Depois de muita omissão, que a atual administração municipal está corrigindo, viu-se que a Pampulha, com seu repositório de obras de alto valor artístico, não pode se transformar num palco de eventos de grande público que, além de colocá-las em risco, destroem e sujam tudo que encontram pela frente. Isto sem falar na violenta agressão sonora aos moradores.

Segundo informações da imprensa, a Pampulha é o hoje o local preferido para eventos de toda espécie. Se não houver seleção e escolha, o local se tornará inabitável e as obras de arte serão danificadas ou mesmo destruídas.

Espera-se que esta comissão seja composta por pessoas competentes, que conheçam o problema e saibam como tratá-lo. Tomara que não se transforme em mais uma reunião de pessoas, dentre as muitas que já vimos formadas e desfeitas, sem nenhum resultado para o povo.

Na região, há associações competentes e batalhadoras, cujos membros cuidam dos problemas locais com extremo zelo, dedicação e carinho. Por isso, devem ser convocadas para integrar este comitê. Cite-se, apenas para exemplificar, a Apam - Associação de Amigos da Pampulha, a Pro-Civitas e o Consep 15 - Conselho Comunitário de Segurança Pública, que poderão transformar-se em valorosos auxiliares para fazer sugestões, fornecer dados e propor soluções.

A falta de zelo com a Pampulha passa dos limites. Numa região tombada como é a orla, qualquer construção precisa de autorização do Iepha. Se o leitor percorrer a Av. Otacílio N. de Lima, proximamente ao Zoológico, verá três construções, que mais parecem garagens ou esconderijos, inclusive um pequeno mercado onde se vendem frutas, sem nenhuma estética, matando a paisagem. Será que a Prefeitura e o Iepha liberaram estes absurdos? Ou simplesmente se omitiram?

De qualquer forma, vamos ter a coragem de renovar as esperanças e a confiança no poder público. Espera-se que a comissão tenha êxito. A Pampulha não pode morrer.

(Publicado no Jornal Hoje em Dia em 1º/06/2010)